

Artigo / Article

# Toponímia, léxico e cultura: a atividade de nomeação em narrativas sobre a festa de Nossa Senhora da Abadia (Jataí/Estado de Goiás)

*Toponymy, lexicon and culture: the activity of naming in narratives about the feast of Nossa Senhora da Abadia (Jataí, Goiás State)*

---

**Rennika Lázara Dourado Cardoso** 

Universidade Federal de Catalão, Brasil  
rennika16@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0002-2124-3816>

---

**Lidiane Silva Araújo Guimarães** 

Universidade Federal de Catalão, Brasil  
lidianearaujo2005@hotmail.com  
<https://orcid.org/0000-0002-0316-4559>

---

**Vanessa Regina Duarte Xavier** 

Universidade Federal de Catalão, Brasil  
vanessaregina@ufcat.edu.br  
<https://orcid.org/0000-0001-6718-2361>

---

Recebido em: 30/08/2022 | Aprovado em: 05/02/2023

---

## Resumo

O léxico reflete características de uma comunidade, pois dá acesso à estrutura sociocultural de um povo. Deste modo, o presente trabalho teve como *locus* de pesquisa a área rural que fica no norte do município de Jataí (GO), onde se celebra a Festa de Nossa Senhora da Abadia, e como objeto de estudo os topônimos registrados no percurso dessa festa. Destarte, com vistas à obtenção dos dados léxicos representativos da Festa referida, foram realizadas entrevistas com pessoas do local que participam da execução da festa. As narrativas revelam memórias referentes aos rituais desta manifestação cultural rural local, assim como a atividade de nomeação dos lugares percorridos pela folia. O objetivo principal deste trabalho é a análise dos topônimos identificados no itinerário da Festa. Os resultados deste trabalho apontam para uma tendência de motivação de natureza física para a nomeação dos lugares identificados.

**Palavras-chave:** Topônimos • Denominação • Manifestação cultural • Festa de roça • Motivação

## Abstract

The lexicon reflects the characteristics of a community by accessing the sociocultural structure of its people. This study focused on the rural area located in the north of the municipality of Jataí, a city in the state of Goiás, Brazil, where the Nossa Senhora da Abadia (Our Lady of the Abbey) feast is celebrated. The object of investigation was the toponyms recorded during this feast. Interviews were conducted with local residents who participated in the event to obtain representative lexical data. The narratives reveal memories related to the rituals of this rural cultural manifestation, as well as the practice of naming the places visited during the revelry. The main objective of this work is to analyze the toponyms identified in the itinerary of the festival. The study's results indicate a tendency for physical references to motivate the naming of the identified places.

**Keywords:** Toponyms • Denomination • Cultural manifestation • Country feast • Motivation

## Introdução

Os nomes de lugares refletem fatores culturais, históricos e naturais do ambiente físico nomeado e do povo que o nomeou. Assim, por registrar as escolhas do denominador, bem como suas motivações, os topônimos são dinâmicos. Investigar os nomes de lugares requer que se alie aos fatores linguísticos as contribuições históricas, culturais e sociais que fazem parte da atividade de nomeação, bem como a observação de elementos naturais característicos do lugar nomeado.

A Toponímia é uma ciência multifacetada que, em sua prática de estudo, considera aspectos diversos. Para Dick (1990), o nome de lugar é formado por diferentes nuances significativas e, por ele, informações variadas podem ser depreendidas, o que faz com que a Toponímia seja, de certo modo, um repositório de fatos culturais. Deste modo, a importância dos topônimos não se restringe à identificação de lugares, uma vez que, tomados como objeto de estudo da Onomástica, é possível revelar fatos linguísticos relevantes.

Face ao exposto, tem-se como objetivo, neste estudo, identificar aspectos naturais, históricos e culturais que motivaram as escolhas dos nomes de lugares por onde passa a folia da Festa de Nossa Senhora da Abadia, em Jataí<sup>1</sup> (GO). Além disso, pretende-se classificar e analisar os topônimos identificados quanto à natureza da motivação percebida. Considera-se como hipótese preliminar que, por se tratar de uma região rural, as características da natureza do lugar foram associadas a fatores históricos e culturais, que serviram de motivação para a escolha dos topônimos.

---

<sup>1</sup> Jataí é uma cidade localizada no sudoeste do estado de Goiás, representado ao longo do texto pela sigla GO.

Para basear a discussão acerca da relação entre léxico e cultura, expressa por meio da atividade de nomeação dos lugares, este estudo fundamenta-se na conceituação e na classificação de Toponímia proposta por Dick (1980; 1990) e nas contribuições de Siqueira (2012). Concernente ao léxico e sua relação com a cultura por um prisma mais amplo, valemos das teorias de Biderman (2001) e Ferreira (2008) para dissertar sobre como ocorre a atividade de nomeação. No que tange à relação entre homem, ambiente e contexto cultural, recorreremos aos estudos de Sapir (1969) e Câmara Jr. (1955), a fim de ilustrar a relação homem e meio e, conseqüentemente, homem e cultura; no que concerne aos estudos culturais, utilizamos o trabalho de Bosi (1992a). Já no que se refere às questões de enraizamento, trazemos à baila o pensamento de Bosi (1992b) para demonstrar que as práticas de cultura popular se configuram como elementos de enraizamento dos sujeitos e os caracterizam e particularizam enquanto sujeitos.

Além disso, apresenta-se uma breve contextualização histórica da região tomada para investigação, uma vez que situar os fatores históricos do lugar investigado é relevante no sentido de identificar que agentes possivelmente participaram da escolha do nome.

Desta forma, após a apresentação da base teórico-metodológica deste estudo, os resultados serão apresentados sob a forma de análise toponímica, considerando-se as acepções de cada termo que compõe o topônimo, os contextos de uso e a origem etimológica. Este estudo insere-se, portanto, no campo onomasiológico dos estudos linguísticos. É de caráter qualitativo e de cunho lexicultural, pois os topônimos analisados resultam da relação entre o homem, o meio e a sua cultura, e as análises só foram possíveis pela consideração dos aspectos socioculturais e ambientais nos quais os colaboradores deste estudo estavam envolvidos.

A coleta de dados foi realizada durante uma pesquisa de campo, no decorrer do mestrado das autoras. Os participantes foram selecionados por meio de critérios como o tempo mínimo de 20 (vinte) anos de participação no festejo, a atuação efetiva em atividades da festividade e o fato de ser residente ou ter residido na região da Onça – visto que a festa teve seu início nesse local, no século XIX, em Jataí (GO), conforme relatos dos partícipes.

O objeto deste estudo são os topônimos relacionados a lugares percorridos pela folia para cumprir os ritos que compõem o *giro*, que consiste em sair de sítio em sítio com a *bandeira* pedindo donativos para o principal dia de celebração à Nossa Senhora da Abadia.

## 1 O locus de pesquisa e a Festa de Nossa Senhora da Abadia

Os topônimos em estudo referem-se às localidades perpassadas pela folia do festejo secular dedicado à Nossa Senhora da Abadia. A tradicional festa nasceu com a promessa de se realizar anualmente a reza de um terço em honra a Nossa Senhora da Abadia. Com o passar dos

anos, a festa expandiu-se, extrapolando os limites da região supramencionada e até mesmo da cidade de Jataí. Além da folia, a festa também abarcava um leilão de prendas e o *giro*<sup>2</sup>.

A comunidade da Região da Onça é uma das mais antigas e tradicionais do município, que tem 127 (cento e vinte e sete) anos – de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o povoado do Paraíso foi “elevado à condição de cidade com a denominação de Jataí, pela Lei Estadual n.º 56, na data de 31-05-1895”. Neste segmento, há registros em fontes históricas – registros privados pertencentes ao grupo de participantes – de que “começou a fazer a festa quando foi feita a promessa, em 1884, no dia 14, porque celebra na véspera do dia santo”, informação confirmada por Gouveia (2009, p. 12).

Esses documentos datam o início da celebração no dia quatorze de agosto de 1884, na região supracitada, sendo, portanto, mais antiga que a emancipação de Jataí. Conforme afirma Oliveira (2009, p. 7), “O culto a Nossa Senhora da Abadia, na comunidade da Onça, iniciou como pagamento de uma promessa feita à santa em que uma moradora pediu a sua intervenção para afastar índios que viviam na região e haviam atacado e assassinado uma família na comunidade”.

Desde então, todos os anos, com exceção dos anos de 2020 e 2021, devido à pandemia mundial causada pela COVID-19, as famílias da região reúnem-se para honrarem a promessa feita de rezarem um terço dedicado à santa referida, realizarem o festejo, fortalecendo, assim, o seu enraizamento cultural (BOSI, 1992b), sendo essa uma forma de expressar a gratidão à Santa pela promessa realizada naquela ocasião e também por outras, feitas ao longo dos anos de realização da celebração.

Nos anos iniciais, o festejo ficou restrito aos moradores que viviam próximo ao córrego da Onça. Posteriormente, ainda no século XIX, com a exploração de novas terras próximo à localidade, muitos moradores deixaram a região para viver em regiões vizinhas, como a do Rio Doce, fazendo com que a Festa se expandisse. Ademais, de acordo com Oliveira (2019, p. 112),

esta manifestação cultural parte do princípio da religiosidade e da relação social, com regras próprias, devoção e reciprocidade. Acreditamos que a religiosidade, o sentimento de pertencimento à festa e/ou a ‘Região da Onça’ faz a festa crescer a cada ano mais.

À esteira de Cardoso (2019, p. 75), é preciso considerar que muitos participantes desejavam que a folia e o grupo de foliões visitassem seus lares, mesmo que eles não residissem mais na localidade, conforme se vê a seguir:

muitos sitiantes tiveram que vender as suas terras para grandes agricultores para a plantação de grandes lavouras de monocultura e isso fez com que alguns partícipes saíssem da área percorrida pela folia e fossem para regiões mais afastadas, fazendo com que a folia e conseqüentemente a festa rompessem fronteiras territoriais.

---

<sup>2</sup> O *giro da folia* configura-se como um dos ritos da Festa, no qual o grupo de foliões, composto por devotos de Nossa Senhora da Abadia, percorre os territórios próximos da Onça para arrecadar donativos e prendas para a realização da comemoração à Nossa Senhora da Abadia.

Desse modo, ao pensarmos na expansão na Festa, é importante destacar que isso só foi possível devido à existência da folia,<sup>3</sup> porque esta é encarregada de levar as bênçãos da Senhora da Abadia aos moradores. Outro fator importante é que a folia também é responsável por angariar doações a fim de que a celebração aconteça. Os foliões participam de quase todos os ritos que envolvem a festividade, menos da feitura de alimentos e do leilão. Assim, fazem parte de todos os outros ritos, desde os seus preparativos, os quais se iniciam com a *saída da folia*,<sup>4</sup> em meados do mês de julho, na região da Onça até, geralmente, uma semana antes da celebração principal.

A prática da folia consiste em levar a bandeira de Nossa Senhora da Abadia às casas dos devotos, entoar-lhes cantigas e pedir doações aos moradores das regiões para a realização da festa em honra à santa. Ela é composta por homens e mulheres, que saem de suas casas, encontram-se na casa do casal guardião da bandeira de Nossa Senhora da Abadia e dali partem de sítio em sítio levando a bandeira da Santa e pedindo donativos.

Ao falarmos da folia, é pertinente ressaltar que os foliões cantam as cantigas apenas quando chegam nas casas em que as visitas serão feitas. Estima-se que, hoje, o grupo de foliões seja composto por doze pessoas. O *giro*, trecho que o grupo percorre, dura cerca de vinte dias. Nesse período, os foliões pedem donativos para a alimentação nos dias que antecedem a festa, pois os devotos da cidade e moradores das localidades próximas ao sítio que sediará o festejo ficam hospedados no quintal deste, por conta do festeiro, responsável pela realização da Festa da Senhora da Abadia. Os foliões também pedem prendas para o dia de encerramento da celebração, 14 de agosto, em que ocorre o momento principal da comemoração, com a *chegada da folia*,<sup>5</sup> a reza do terço, bem como almoço, *merenda*,<sup>6</sup> jantar e leilão.

Hodiernamente, o meio de transporte usado é o veículo automotivo. A bandeira da Santa é carregada pelo *alferes*<sup>7</sup>, no carro do *chefe da folia*, que vai à frente de todos os outros carros dos foliões. O *chefe da folia* é responsável pela organização do roteiro das casas pelas quais a folia passará e pela estruturação dos foliões; ele decide quem cantará, as pessoas que tocarão os instrumentos musicais e quais farão a primeira e a segunda voz.

Nesta perspectiva, todo o percurso da folia é planejado para que ela se encerre alguns dias antes do dia santo de Nossa Senhora da Abadia e de modo que as pessoas que estavam

---

<sup>3</sup> Trata-se do maior rito da festividade, podendo durar até 3 (três) semanas. A folia consiste na caminhada dos foliões – pessoas que entoam cantigas à Santa e tocam instrumentos – pelos sítios dos devotos, a fim de pedir bênçãos para as famílias que os acolhem. Ao serem convidados para adentrarem nas residências dos devotos, os foliões entregam a bandeira da santidade aos moradores, cantam para a Santa pedindo bênçãos e proteção em troca de donativos.

<sup>4</sup> A *saída da folia* é o primeiro rito da festividade de Nossa Senhora da Abadia e inicia-se na casa do *guardião da bandeira* com a reza do terço e beijo da bandeira.

<sup>5</sup> A *chegada da folia* é o rito em que os foliões chegam com a bandeira, entoando cantos, no sítio que é sede da festa.

<sup>6</sup> A *merenda* é o lanche feito à tarde, após o almoço.

<sup>7</sup> O *alferes* é a pessoa responsável por transportar a bandeira de Nossa Senhora da Abadia durante toda a celebração.

envolvidas com o *giro* possam descansar e, principalmente, ajudar de alguma forma, realizando algum trabalho que ainda precise ser feito no sítio sede da festividade. O percurso de peregrinação feito pelos foliões nos anos de 2017 e 2018 contou com a visita a 117 (cento e dezessete) sítios, mostrando-nos que, apesar de ser uma prática cultural que não obedece ao tempo cultural acelerado (BOSI, 1992a), ela ainda encontra grande relevância nessa região do sudoeste goiano.

É perceptível que o desejo de enraizamento cultural (BOSI, 1992b), juntamente com o gosto por confraternizar com as pessoas próximas, é que faz com que a festa tenha tanta amplitude, pois se entende que, nas comunidades rurais, essas características são mais evidentes. Para Pessoa (2005, p. 17), o “caráter festivo do brasileiro pode ser notado a nível do país, nos caracterizando como *homo festivus*, porque festar faz parte da identidade cultural do brasileiro, juntamente com a habilidade de festejar”. Por isso, a folia se expande, mesmo contrariando a lógica do capital e do mercado, pois o trajeto da folia transcende as fronteiras territoriais da Região da Onça e adentra outras regiões rurais.

Nesse caso, a folia de Nossa Senhora da Abadia percorre parte da região do Rio Doce e também perpassa as terras de Planalto Verde, ambas pertencentes ao município de Rio Verde (GO). Destarte, observamos que ela não fica restrita à Região da Onça, mas extrapola as divisas territoriais, passando pelas áreas do Paraíso, Cabeceira de Jataí, Cabeceira do Rio Claro, Região do Rio Doce, Chapadão e Planalto Verde, fazendo com que a folia da Festa de Nossa Senhora da Abadia circule por vários lugares, com diferentes topônimos.

## 2 A Toponímia da folia da Festa de Nossa Senhora da Abadia

Um importante fator de identificação sociocultural da Festa de Nossa Senhora da Abadia é o caminho percorrido pelos foliões, uma vez que os topônimos revelam a relação entre estes e o seu ambiente físico, social e cultural, intimamente relacionados. A nomeação de lugares não obedece a um sistema rígido, posto que envolve numerosos fatores que se relacionam com a própria percepção do nomeador, que faz a escolha do topônimo de uma forma motivada.

A toponímia da folia da Festa em questão constitui um objeto de estudo ainda não examinado na perspectiva onomástica, oferecendo-se, ainda, a estudos de vertentes distintas, tais como históricas, geográficas, antropológicas, dado o seu caráter transdisciplinar. Neste estudo em específico, a intersecção mais evidente que se estabelece é com as pesquisas de cunho lexicultural, a partir de um *corpus* oral, representativo de saberes tradicionais de uma comunidade. Nesse sentido, os topônimos identificados no *corpus* desta investigação podem não coincidir com os “oficiais”, encontrados em cartas geográficas do município, por exemplo. Assim é que tal estudo também se faz relevante por registrar e perpetuar topônimos que pertencem à memória popular de comunidades tradicionais do sudoeste goiano.

A Toponímia define-se como disciplina científica vinculada à Onomástica, que é a área da Linguística que se ocupa do estudo dos nomes próprios e, do ponto de vista teórico-metodológico, embasa fundamentalmente este estudo. Para Siqueira (2012, p. 150), “Toponímia, ou toponomásia, é uma área de estudos linguísticos que se atém à descrição e à análise dos nomes designativos de lugares”. Cabe ressaltar que, no processo de descrição e análise dos nomes de lugares, a Toponímia necessariamente se relaciona com outras ciências, como a História. Dick (1996, p. 12) afirma que “A toponímia [...] é a disciplina que caminha ao lado da história, servindo-se de seus dados para dar legitimidade a topônimos de um determinado contexto regional, inteirando-se de sua origem para estabelecer as causas motivadoras, num espaço e tempo preciso”. Por essa razão, apresentamos uma contextualização histórica da festividade em estudo no tópico anterior.

Nesta perspectiva, o nome de lugar, além da função de identificar uma localidade, permite resgatar fatores históricos e culturais que participaram da escolha feita pelo denominador e podem ainda vincular-se intimamente a manifestações culturais, como acontece na festa de Nossa Senhora da Abadia. O topônimo apresenta particularidades em relação aos demais signos linguísticos, já que, segundo Saussure (1995 [1916]), estes são, em geral, imotivados.<sup>8</sup> Esse caráter motivado é o que o diferencia do signo linguístico comum. Em outras palavras, Siqueira (2012) esclarece que o topônimo é, na verdade, um signo linguístico comum, que foi escolhido para denominar determinado lugar. Essa escolha só se efetiva por motivação, ou seja, algo característico do nome escolhido que o vincula ao lugar nomeado. Dick (1990, p. 34) explica que:

ainda que, na língua, o signo participe, genericamente, de uma natureza convencional de significação, ao se aplicar o mesmo princípio à Toponímia notar-se-á uma diversidade de aspecto: o elemento linguístico comum, revestido aqui de função onomástica ou identificadora de lugares, integra um processo relacionante, a motivação.

As motivações que determinaram as escolhas no momento da nomeação de lugares podem estar relacionadas a diferentes campos de percepção do nomeador, influenciado pelo contexto cultural no qual está inserido. Dick (1996, p. 13) acresce ainda que “o denominador é apenas um elemento da cultura nacional, da qual é projeção e em que se manifesta, de modo particularizante”. Assim, a escolha que o denominador faz ao nomear um lugar conecta-se com elementos da cultura, da natureza e da história.

Dick (1990) propõe a sistematização da classificação toponímica considerando as motivações dos topônimos. O sistema toponímico proposto pela autora conta com vinte e sete taxionomias divididas entre as de natureza física e as de natureza antropocultural.<sup>9</sup> Ainda que os topônimos classificados no segundo grupo possam revelar fatos importantes da sociedade

---

<sup>8</sup> A arbitrariedade do signo proposta por Saussure é contestada em trabalhos posteriores, que a consideram relativa, tal como Alinei (2002).

<sup>9</sup> Embora textos mais recentes considerem a necessidade de rever tal termo, ele foi mantido no texto, por representar a classificação apresentada por Dick, que embasa este trabalho.

nomeadora, para este estudo interessa, mais precisamente, considerando o recorte metodológico, a investigação dos nomes que participam do grupo relacionado aos aspectos naturais do lugar nomeado.

## 2.1 Motivações de natureza física

Quando os aspectos naturais do lugar são considerados na nomeação, a motivação do nome muitas vezes advém do próprio objeto nomeado. Ao considerar a paisagem natural, há uma variedade de recursos visuais e sensoriais que podem servir de motivação para o nomeador, que escolhe um topônimo que evidencie tal percepção. Dick (1990, p. 114) explica que “Muitas vezes, o nome consigna realmente a existência do acidente<sup>10</sup> assim identificado no lugar”.

A diversidade de elementos naturais e culturais embasou a classificação proposta por Dick (1992). A autora, que se ocupou de registrar as várias motivações toponímicas, chegou à classificação inicial nos dois grupos referidos. Acreditamos que seja dispensável descrever a taxionomia na íntegra, uma vez que, assim como a atividade de nomeação, ela é flexível, de modo que outros estudos propuseram novas taxes e esse sistema pode ser considerado inacabado.

Ao considerarmos as taxionomias que integram o grupo de motivações de natureza física, depreende-se que se trata de nomes que se relacionam simbolicamente com o objeto nomeado. Dick (1990, p. 39) salienta que:

A própria tipologia expressiva dos designativos poderia, entretanto, justificar, até certo ponto, uma configuração icônica, ou mesmo simbólica de sua significância. As expressões onomásticas exerceriam referidas funções desde que seus elementos constitutivos evidenciassem a existência de um vínculo entre elas e o seu referente.

Assim, mesmo que, com o passar do tempo, a paisagem natural tenha sido modificada, o topônimo resguarda, de certa forma, as características que pareceram mais evidentes ao nomeador, de tal modo que manifestações culturais coletivas como a da Festa de Nossa Senhora da Abadia são, muitas vezes, responsáveis por perpetuar a percepção inicial do nomeador.

## 3 Intersecções entre Toponímia, léxico e cultura

O nosso estudo dá relevo às pesquisas da área de estudos do léxico relacionados à cultura e à Toponímia, haja vista que seu objeto constitui-se de topônimos, coletados via entrevistas realizadas com os colaboradores da Festa de Nossa Senhora da Abadia de Jataí (GO). As entrevistas foram realizadas em pesquisa anterior, denominada “A festa de Nossa Senhora da

---

<sup>10</sup> Cabe esclarecer que a aplicação do termo “acidente” tem sido discutida atualmente, especialmente por estudos da área de Geografia, por ser considerado obsoleto, podendo ser substituído por “forma de relevo”, por exemplo, como sugerido por Tiradentes (2021).

Abadia em Jataí (GO): uma análise léxico-cultural” (CARDOSO, 2019), que não tinha, todavia, uma perspectiva toponímica. A dissertação encontra-se disponível no banco de dissertações e teses da Universidade Federal de Catalão. É essencial elucidar que compreendemos a festa de roça (BRANDÃO, 1985) como uma manifestação da cultura popular, que ocorre essencialmente na área rural e engloba indivíduos que compartilham costumes e crenças religiosas, refletidos nas enunciações linguísticas dos seus partícipes.

Deste modo, ao pensarmos no léxico, consideramos que ele se configura, de acordo com Ferreira (2008, p. 197), como o “patrimônio imaterial de um povo”, por representar todo o arcabouço de conhecimentos de uma comunidade. Neste sentido, de acordo com Biderman (2001, p. 13), “O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo”, pois ele resgata, por meio das denominações, o que é importante para um grupo social e que demonstra a sua visão de mundo.

Ao pensarmos no léxico, observamos que ele está intimamente relacionado à cultura e não é possível desvinculá-los, porque o homem parte da sua realidade, dos seus aspectos socioculturais para nomear o que o rodeia. Isso significa que os círculos sociais nomeiam, por meio do léxico, o que lhes é caro, o que representa a sua realidade – e disso resulta que o léxico apresenta a cultura de uma sociedade, conforme Sapir (1969, p. 51) sintetiza: “Que o léxico assim reflita em alto grau a complexidade da cultura, é praticamente um fato de evidência imediata”. Isso ocorre porque a cultura permeia os itens lexicais atualizados por um povo, os quais, por sua vez, a relevam em sua relação com o ambiente que a circunda. Portanto, é preciso considerar a relação do homem com o ambiente em sua atividade de nomeação.

Além disso, como é possível perceber em Biderman (2001, p. 13),

Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do Espírito humano de conhecimento do universo.

Neste aspecto, depreende-se que a atividade de nomeação está intimamente ligada à visão de mundo do indivíduo, à sua percepção da realidade. Neste viés, Biderman (2001, p. 13) considera ainda que “o léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo cultural que um grupo possui”.

Dessa maneira, observamos que, por meio dos estudos do léxico, é possível também acessar o contexto cultural em que o falante se insere, identificando semelhanças e, inversamente, “discriminando os traços distintivos que individualizam seres e objetos em entidades diferentes”, ainda de acordo com Biderman (2001, p. 14). Além disso, por meio da escolha lexical presente em suas enunciações, descobrimos o que outrora foi mais significativo para uma dada comunidade. Assim, é possível que as nomeações dos lugares percorridos pela folia da Festa de Nossa Senhora da Abadia reflitam a origem dos topônimos.

Ao refletirmos sobre o aspecto cultural que subjaz aos topônimos, recorreremos à conceituação de Bosi (1992a) de cultura: tudo aquilo produzido pelas faculdades humanas e

pelas manifestações culturais de uma sociedade. Nessa lógica, o autor reitera que devemos “compreendê-la como um ‘efeito de sentido’, resultado de um processo de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço” (BOSI, 1992a, p. 17, grifos do autor), sendo condição para compreendermos as mais variadas representações humanas.

À vista disso, o pensamento de Bosi (1992a) relaciona-se com a afirmação de Câmara Jr. (1955, p. 51) de que “de maneira geral a cultura é, nesse caso, o conjunto do que o homem criou na base de suas faculdades humanas: abrange o mundo humano em contraste com o mundo físico e biológico”. É nesse aspecto que consideramos a cultura, ou seja, como um conjunto de representações simbólicas que o homem criou para relacionar-se com o mundo biológico e físico.

Neste sentido, a cultura particulariza a sociedade, isto é, confere valor às práticas sociais por meio de um modo específico de ver, expressar e sentir o mundo em que se vive. Com isso, é possível relacioná-la com o léxico do falante, pois esse também representa e identifica uma sociedade, pelos seus matizes socioculturais.

## 4 Metodologia

A pesquisa é de natureza qualitativa, visto que se volta, em consonância com Gil (2000, p. 23), a “interpretar o fenômeno social, suas raízes históricas e culturais e suas relações com a realidade que o circunda”. Assim, optamos por esse tipo de pesquisa pelo fato de ela permitir uma análise aprofundada do léxico toponímico, presente em enunciações dos participantes do festejo em louvor à Nossa Senhora da Abadia.

O *corpus* da pesquisa foi constituído pelas narrativas orais de participantes da festividade supramencionada. Essas narrativas são tratadas como “documentos”, conforme considerou Bolle (2010, p. 19), pois “têm origem em um determinado contexto histórico-social e carregam representações de uma coletividade”.

Os critérios de seleção para a participação dos colaboradores do estudo foram os seguintes: i) ter familiaridade com a comunidade pesquisada; ii) ser morador ou ter residido na Região da Onça; iii) exercer ofício relacionado à organização da celebração, visto que o participante da pesquisa teria de ter uma vivência mais aprofundada da dinâmica da festividade e dos ritos de preparação e execução da festividade de Nossa Senhora da Abadia; iv) participar, há mais de vinte anos, da solenidade, haja vista o intento da pesquisa de analisar as mudanças culturais e lexicais por que passou a festa. Assim, foram selecionados cinco participantes, com idade entre 45 e 82 anos, sendo três homens e duas mulheres. O número de entrevistados foi definido levando-se em conta o tempo que tínhamos disponível para a execução do trabalho.

Um aspecto importante a ser mencionado é a preservação da identidade do colaborador, visto que os participantes estavam suscetíveis a riscos, porque, ao reviver memórias, eles poderiam trazer à lembrança uma rede de emoções que poderiam sensibilizá-los. Por esse

## LINHA D'ÁGUA

motivo, submetemos este trabalho ao Comitê de Ética em Pesquisa, com o número de protocolo 77439617.0.0000.5083, para que os narradores estivessem resguardados quanto à ética no tratamento dos dados que constituíram o *corpus* da investigação.

Para a identificação dos colaboradores, utilizamos os códigos disponíveis em Bernardo (2015, p. 22): “N de narrador, seguido do numeral cardinal indicador da ordem das visitas, M ou F para indicar o sexo, seguido de numerais cardinais correspondentes à idade do sujeito na ocasião da visita”. Assim, ao nos referirmos ao primeiro participante entrevistado, de 61 anos, do sexo masculino, o seu código seria N1M61, mas optamos por P1M61<sup>11</sup>, indicando que ele participou da primeira entrevista, é do sexo masculino e tem sessenta e um anos de idade.

Os topônimos foram inventariados no *corpus* e analisados seguindo parâmetros de outros trabalhos no campo onomástico, considerando-se a taxionomia identificada. A perspectiva de análise escolhida foi a lexicultural, que, de acordo com Siqueira (2013), considera como elementos importantes para a pesquisa tanto o léxico como a cultura nele matizada. Nesta fase do estudo, nos valem também da análise etimológica dos topônimos, bem como de suas acepções no Dicionário Aurélio (2004), por se tratar de um dicionário geral de língua bem conceituado no campo dos estudos lexicais.

## 4 Análise dos resultados

A seguir, apresentam-se os topônimos identificados no *corpus* mencionado. Cabe esclarecer que será considerado para análise o termo genérico, isto é, a palavra que identifica o elemento geográfico nomeado (rio, córrego, planalto, entre outros), uma vez que tal elemento é bastante significativo na nomeação. Sobre isso, Carvalhinhos (2007, p. 177) esclarece que “o topônimo propriamente dito não pode ser estudado sem considerar-se o elemento geográfico ao qual se vincula, analisa-se o sintagma toponímico -bloco composto pelo elemento genérico [...] e o elemento específico [...]”.

Dick (1990, p. 10) explica ainda que “do topônimo depreendem-se dois dados básicos, um que se convencionou denominar termo ou elemento genérico, relativo à entidade geográfica que irá receber a denominação, e o outro, o elemento ou termo específico, ou topônimo propriamente dito”. Assim, mesmo que o segundo elemento, ou seja, o topônimo em si, seja de motivação mais livre que o primeiro, ambos formam o sintagma toponímico e podem relacionar-se a características específicas do lugar. Além disso, cabe esclarecer que, embora para a classificação do topônimo seja considerado o primeiro termo, em nossa pesquisa, analisamos os dois termos, no caso dos nomes compostos, por considerarmos que ambos sustentam a hipótese levantada acerca da relação do homem com a natureza, representada nos topônimos.

---

<sup>11</sup> Optamos por usar o termo participante, por considerar que, para a realização das entrevistas, fez-se o uso de um roteiro semiestruturado e a pesquisadora fez interferências no desenvolvimento das entrevistas.

Foram coletados os seguintes topônimos no material em estudo: *Cabeceira de Jataí*, *Córrego Onça*, *Cabeceira de Rio Claro*, *Planalto Verde*, *Chapadão*, *Rio Paraíso*, *Guadalupe e Indaiá*.

O topônimo *Cabeceira de Jataí* é formado pelo termo genérico *Cabeceira*, que, segundo o dicionário Aurélio (2004, p. 346), dentre outras acepções, corresponde ao “Lugar onde nasce um rio ou riacho; nascente” e pelo termo específico *Jataí*, homônimo ao município. *Jataí* é, segundo Cunha (1998), de etimologia Tupi (*jate'i*) e se refere a uma espécie de abelha. Desse modo, o topônimo pode ser classificado como *zootopônimo*, ficando implícita também a referência ao *Córrego Jataí*, como se observa na seguinte abonação: “Nóis andava tudo, aquela onde era... onde eles fala Cabeceira de Jataí, aquelas Cabeceira de Jataí parecia uma cidade ali, ali era quatro dia ali [...]” (P1M66).

Percebe-se a importância desse topônimo pela grande extensão da Cabeceira, como menciona o participante da festividade. Já *Córrego Jataí* – que não foi, contudo, mencionado no *corpus* – parece ter sido motivado pelo fato de o local em que as suas águas nascem ser um dos mais povoados por abelhas jataí. Isso revela a ligação do homem com o meio, pois parte do que é socioculturalmente conhecido para nomear, de acordo com Biderman (2001, p. 17), como podemos verificar no trecho a seguir: “Ali naquela *cabeceira de Jataí* nós andava tudo. Levava uns quatro dia p[a]ra passá[r] naquelas casinha tudo, porque elas é tudo muntuada, nós andava era a pé ali, porque num compensava não, sabe?” (P1M66). Assim sendo, compreendemos que a *cabeceira de Jataí* é povoada por muitos sítios pequenos, o que faz o giro da folia demorar um pouco nessa área.

O *Córrego Onça*, por sua vez, é um topônimo simples, sendo formado pelo termo genérico *Córrego*, que segundo Cunha (1998, p. 183) é de etimologia latina (*corrugus*), e pelo termo específico *onça*, que, segundo Nascentes (1955), tem etimologia latina (*luncea*). De acordo com o dicionário Aurélio (2004, p. 1438), esta é palavra do latim vulgar, cuja origem no latim clássico é *lynx* e designa, no Brasil, por extensão, “todos os felídeos brasileiros de grande porte” (FERREIRA, 2004, p. 1438). Ele aparece na seguinte abonação: “Eu morava na fazenda, lá na Onça. Fazenda Onça que chamava lá onde eu morava, por causa do corgo. Quando as festa era uma só, era... era uma só. Era de lá do rio e de cá” (P1M66). Por essa razão, também se classifica como um *zootopônimo*.

Pelo fato de existirem muitos sítios próximos ao *Córrego Onça*, muitos deles são denominados de *Sítio Onça* ou *Fazenda Onça*. Essa peculiaridade apresenta uma característica não só da Região da Onça, mas de outras localidades rurais, em que os nomes de rios, córregos e riachos estendem-se a lugares, fazendas e municípios. Assim, o córrego foi nomeado Onça por existir um grande número desses animais nas terras que hoje são conhecidas como a Região da Onça (OLIVEIRA, 2009).

O topônimo composto *Cabeceira de Rio Claro* é formado pelo termo genérico *Cabeceira* e pelo específico *Rio Claro*, que, de acordo com Nascentes (1955), tem etimologia

latina (*claru* – brilhante de luz). Aparece na seguinte abonação: “E quando eu andei na folia nunca passou p[a]ra lá[r] do Rio Claro, não. Aquela cabeceira de Rio Claro, Paraíso, tudo nós andava ali naquelas região” (P1M66). Nesse caso, percebe-se que o termo “cabeceira” indica a nascente do Rio Claro. Assim, o nome pode ser classificado como um *hidrotopônimo*, porque faz referência à água, como percebe-se também no nome específico *Rio*, ao qual acresce-se o termo *Claro*, em referência às suas águas límpidas do e à escala cromática.

Nas narrativas, o expediente léxico foi citado várias vezes na menção ao caminho percorrido pela folia, ou seja, o *giro*, apesar de não fazer parte da Região da Onça: “A folia ia até no *Rio Claro* pra cá. Nós num travessava até na Perolândia não. E quando eu andei na folia nunca passou pra lá do *Rio Claro*, não. Aquela *cabeceira de Rio Claro, Paraíso*, tudo nós andava ali naquelas região, aquele chapadão do \* que é onde mora \* toda vida nós andava ali” (P1M66).

Já o topônimo *Planalto Verde* é formado pelo termo genérico *planalto*, que aparece no Dicionário Aurélio (2004, p. 1575) com a definição de “Grande extensão de terreno plano ou pouco ondulado, elevado, cortado por vales nele encaixados” e pelo termo específico *Verde*, que, no dicionário de Nascentes (1955), aparece com a origem etimológica latina *virde*. Assim, trata-se de um topônimo simples, ocorrendo na seguinte abonação: “Toda vida nós foi até o Planalto Verde, no \*. Nós até lá naquelas banda do \* com a festa” (P2M45). Nesse caso, a classificação do nome é *chromotopônimo* (DICK, 1990), por fazer referência a cores.

A lexia *Planalto Verde* nomeia igualmente uma região. É válido mencionar que, antigamente, a folia também não passava por ela, pois havia outro grupo de foliões na localidade. A mudança de um morador, originário na Região da Onça, para o lugar, fez com que a folia adentrasse as terras do *Planalto Verde*, que fazem divisa com o município de Montividiu (GO): 1- “Não, nós travessava o Rio Doce pra lá, aquela região lá. Nós ia até lá perto do Planalto Verde. Porque num tinha qu’ela festa do Chapadão também não. Antes do \* mudá pra lá, nós num ia lá não. Depois que es’ mudô, nós vai lá toda vida.” (P1M66).

Uma característica da localidade é que, pelo fato de a área ter sido geograficamente modificada pela agricultura, o planalto perdeu a característica de ser verde, porque as árvores que existiam no território foram retiradas para dar local à construção de um aeroporto rural e de uma grande fazenda, que produz sementes de capim para exportação. Deste modo, consideramos que a língua serviu como mantenedora de uma memória local, pois, por meio da atividade de nomeação, percebem-se mudanças em relação à época em que o lugar foi nomeado, confirmando que o léxico se configura como o “patrimônio imaterial de um povo”, conforme teoriza Ferreira (2008, p. 111).

O nome *Chapadão* é um topônimo simples, que não aparece acompanhado de termo específico. No Dicionário Aurélio (2004, p. 450), é definido como “Chapada extensa”, sendo que o verbete *chapada* remete a *planalto*. Aparece na abonação: “A primera festa que nós foi

fazê como era lá no Chapadão saiu um poco da região, porque lá eu já tenho a outra festa de lá, né? Mais aí até o finado seu \* não queria que nós fizesse ela lá, que era outra região” (P5F75).

Este topônimo pode ser classificado como um *geomorfotopônimo* (DICK, 1990), pelo fato de representar o relevo da localidade. Quanto a essa classificação, cabe ressaltar o caráter transparente do signo, uma vez que comumente esses nomes relacionam-se às formas existentes no local nomeado. Dick (1990) apresenta uma extensa variedade de nomes que se classificam por essa taxa e ressalta que os nomes formados a partir das palavras morro, monte e chapadas são mais frequentes em Goiás e Minas Gerais.

Observamos que o topônimo revela traços da cultura local, pois nos mostra que, mais uma vez, ao nomear, o homem observa o meio em que vive, conforme afirma Sapir (1969, p. 17): “o homem parte do meio para criar e representar”, como evidencia o excerto a seguir: “Ali onde nós mora é a região do *Chapadão*. Até a Santa passa lá em casa. Antigamente a folia da *Onça* num ia pra aquelas região, pois lá tem outra folia, mas quando nós mudô a folia daqui passou a i[r].” (P5F75). Outra especificidade desta lexia é que, para os moradores da Região da *Onça*, ela indica uma localidade na qual hoje é permitido o fluxo da folia de Nossa Senhora da Abadia. Antigamente, a folia não andava por essas terras, pelo fato de haver outra folia no território.

O topônimo *Rio Doce*, além do termo genérico *Rio*, compõe-se pelo termo específico *Doce*, que, de acordo com o dicionário de Nascentes (1955), tem origem etimológica no latim *dulce*. Aparece na seguinte abonação: “Não... nós travessava o Rio Doce p[a]ra lá, aquela região lá. Nós ia até lá perto do Planalto Verde. Porque num tinha qu’ela festa do Chapadão também não” (P2M45). Pode ser classificado como *estematopônimo*, porque faz referência às impressões sensoriais diante do termo genérico.

Nas entrevistas, a região, que é homônima ao rio, foi mencionada várias vezes, como em: “E nós passava pra lá só por causa deles, da \* e do \*, se não era só pra cá do *Rio Doce*. Aqui nós travessava aqui... ia até na beira da região do *Rio Doce* pra lá. Nós andava tudo, aquela onde era... onde eles fala *Cabeceira de Jataí*” (P3M82).

Ao analisarmos a presença desse item lexical nas entrevistas observadas, vemos que ele revela um novo dado cultural, pois a partir da mudança de um dos membros da comunidade, o grupo decidiu modificar a sua prática cultural habitual e incorporar novas rotas para o *giro* da folia, adentrando no município de Rio Verde (GO).

Por último, aparece o topônimo *Rio Paraíso*, formado pelo termo genérico *Rio* e pelo termo específico *Paraíso*, que aparece no dicionário de Nascentes (1955) com etimologia grega *paradeisus*. Este *nootopônimo* aparece na seguinte abonação: “Eu participei mais do lado de cá, porque tinha de cá do Rio Paraíso e de lá do Rio Paraíso. Mais sempre eu partircipava do lado de cá, nessa região daqui né, que era onde meus pais iam, mais quando eles iam de lá num levavam a gente, né” (P3M82).

É possível supor, pelo termo específico, que o lugar nomeado apresenta uma paisagem agradável e bonita. Assim, apesar de se relacionar com aspectos subjetivos, pode estar vinculado também a aspectos de natureza física, como as cores, vegetais e a água.

Nas narrativas estudadas, essa lexia foi citada inúmeras vezes porque o Rio funcionava como uma fronteira a não ser ultrapassada, pois do outro lado do rio há outra festa em honra à Nossa Senhora da Abadia. Observa-se, assim, que ficou socialmente estabelecido entre os moradores da Região da Onça e da região do Paraíso que esse limite deveria ser respeitado, para que houvesse harmonia entre as comunidades.

Outra região percorrida pela folia é a de Guadalupe. De acordo com Carvalho (2014), este nome tem relação com a história religiosa de Nossa Senhora e as suas aparições em Guadalupe e, ainda conforme a autora, os hagiopônimos “referem-se aos títulos criados durante os vinte séculos de cristianismo e geralmente recebem os nomes dos lugares onde seu culto foi iniciado” (2014, p. 454). Nas narrativas, este topônimo foi utilizado pelos falantes ora pela lexia simples “Guadalupe”, ora pelas compostas “Assentamento Guadalupe” e “Fazenda Guadalupe”, como é possível observar em:

- 1- “ Eu lembro quando o \* ia pra fúlia e eles passava pelo Guadalupe, lá tem um tanto de casinha, né? Aí demora demais lá no Guadalupe e eu pensava quando que o \* vai voltar, porque eu ficava cuidano de tudo, né, das vaca, das criação, dos meninu e era custoso, né?” (P4F68)
- 2- “Um trem custoso é quando passa no assentamento Guadalupe, nossa senhora! Lá as casa é tudo pertim uma das ôtra, nós vai sem carro, deixa num lugá[r] e no final do dia volta e pega.” (P2M45)
- 3- “ Um lugá[r] bem simplim e que o povo doa muita prenda é lá na Fazenda Guadalupe, cê chega naquelas casinha, tudo petinha, às veiz até de madêra e cê pensa, daqui num sai nada não e o povo doa uma leitoa, um bezerro. É um trem, eles têm muita fé na santa! Lá na Guadalupe é bão pra arrecardá[r].” (P1M66)

Destarte, é importante ressaltar que essa área, antes da distribuição de terras, era um latifúndio da Diocese de Jataí. Mesmo com a desapropriação do lugar, o nome Guadalupe não perdeu força, ficando conhecido como Assentamento da Guadalupe, fazendo referência à antiga fazenda que existia no local, tendo o seu nome principal preservado e só o termo genérico modificado de “fazenda” para “assentamento” – o que reforça que, nesse caso, o termo específico se sobrepõe ao genérico.

Um outro topônimo de natureza física é *Indaiá*, o qual, de acordo com Cazarotto (2020, p. 83), “designa uma espécie de palmeira de origem brasileira, de pequeno porte e de origem Tupi”. E Sampaio (1987, p. 223) complementa essa afirmação asseverando que “indayá, corr. Anda-yá, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a palmeira *Attalea compta*”. Essa planta é muito típica das regiões Centro-Oeste e Sudeste do Brasil, de acordo com Isquierdo (2020), e, por esse motivo, é encontrada em abundância na região da Festa. A sua folhagem,

## LINHA D'ÁGUA

antigamente, era utilizada para cobrir telhados de ranchos, o que pode ser confirmado em um dos trechos nos quais a lexia ocorreu:

Oia, de primero o movimento da festa era diferente do de hoje, né? Era rancho, a de São Sebastião era rancho, coberto de foia de indaiá que nós fala, né? Porque janêro chove, então precisa cobri[r]. A de agosto era torda, né? De foia de indaiá também, as parede falava empalizado, né? Nois tirava lá no indaiá, perto do rio doce... (P3M82)

Neste sentido, observamos que era prática comum retirar as folhas da palmeira indaiá para construir ranchos a fim de acomodar melhor as pessoas em período chuvosos não só na festividade de Nossa Senhora da Abadia na Região da Onça, em Jataí (GO), mas em outras comunidades rurais tradicionais do Brasil. A partir dessa observação, é possível concluir que a grande quantidade dessa espécie vegetal em uma determinada localidade influenciou a decisão do homem que habitava o lugar em nomear o córrego e, conseqüentemente, o território como "indaiá", em referência a essa característica da região. Essa análise é pertinente e pode ser constatada em: "Nois tirava lá no indaiá, perto do rio doce, ali no rumo das terras da sua tia, lá é indaiá e tinha demais, hoje ainda tem, mas é menos, por isso que a região chama indaiá e nós usava pra empalizá as torda... ficava bem feitim, bem bonitinho".

Neste segmento, fica claro que o nomeador analisou o meio em que vivia e compreendeu que a presença dessa palmeira particularizava a região a ponto de nomeá-la, pois provavelmente havia mais exemplares dessa espécie nessa localidade do que em outros lugares.

Assim, *indaiá* classifica-se como um *fitotopônimo*, porque "são motivados pela grande diversidade de vegetação que compõe a flora característica da paisagem" (ISQUERDO, 2020, p. 15), em conformidade com o que acontece com o topônimo *indaiá*, que vem da palmeira característica do Brasil Central e que nomeia uma região onde ela é encontrada em abundância.

A opção por considerarmos o termo genérico e o termo específico na análise evidencia o afastamento entre a nossa proposta e classificação apresentada por Dick (1990). Desse modo, apresenta-se a consolidação de nossa análise no Quadro 1:

**Quadro 1.** Classificação dos topônimos analisados

Topônimo		Classificação de Dick
Genérico	Específico	
Cabeceira de	Jataí	Zootopônimo
Córrego	Onça	Zootopônimo
Cabeceira de	Rio Claro	Cromotopônimo
Planalto	Verde	Cromotopônimo
	Chapadão	Geomorfotopônimo
Rio	Doce	Estematopônimo
Rio	Paraíso	Nootopônimo
Fazenda	Guadalupe	hagiotopônimo
	Indaiá	fitotopônimo

**Fonte:** elaboração própria.

Por meio das análises dos topônimos, vemos que eles revelam a íntima relação do homem da zona rural com a água, sobretudo, uma vez que os locais em que habitam, ou que a folia percorre, são homônimos aos rios. Outro aspecto importante é a presença dos elementos culturais que matizam e conferem relevo ao significado dos itens léxicos naquele grupo – como o topônimo *Rio Doce*, que parte da vivência cultural do falante em relação à classificação dos sabores – e que mostram, de diferentes modos, as relações entre os topônimos e a cultura e o meio físico e social.

## Considerações finais

Por meio das análises dos topônimos que nomeiam as áreas geográficas, vimos que elas sugerem a proximidade dos moradores com o seu meio, pois partem de sua percepção para nomear os lugares, além da íntima relação do homem da zona rural com os elementos naturais, uma vez que o nomeador optou por evidenciar tais elementos na atividade de nomeação, como no item *córrego da Onça*, em que a observação do ambiente, relacionada às práticas culturais, advém de ter ocupado o espaço daquela região nos tempos de outrora, em que a existência do animal era muito comum na localidade.

Vale mencionar que o léxico reflete a cultura até certo ponto, como afirmou Sapir (1969), pois os topônimos analisados neste estudo foram majoritariamente retirados das narrativas de colaboradores do sexo masculino – visto que, no histórico da festa, as mulheres quase não participavam do giro da folia, permanecendo no sítio que receberia a festa e desenvolvendo os ofícios que são relacionados com os serviços domésticos, como o de cozinhar alimentos, no preparo de doces, catando feijão, preparando temperos, entre outros.

Outro aspecto importante é a presença dos elementos culturais que matizam e conferem relevo ao significado dos topônimos, como as lexias *Rio Doce e Paraíso*, que imprimem a vivência cultural do falante em relação aos sabores e à ideia de paraíso, e que mostram, de diferentes modos, as relações que tanto a língua como a cultura têm com o meio físico ou social.

Assim, a hipótese de que o homem nomeador se vale tanto da natureza, quanto do seu acervo cultural para nomear lugares pôde se confirmar. Além disso, é possível admitir que, no caso dos nomes analisados nessa pesquisa, a motivação de natureza física se sobressai em relação à de natureza antropocultural, possivelmente por se tratar de uma localidade rural, na qual a natureza fica muito mais evidente do que em outros cenários.

## Referências

ALINEI, M. Il ruolo dela motivazione nel lessico. In: ÁLVAREZ, R.; GARCÍA, F. D.; FERNÁNDEZ X. S. (ed.). *Dialectología e léxico*. Cultura Galega: Instituto da Lingua Galega, 2002. (Colección Base). p. 15-28.

BERNARDO, J. L. *Dimensão mágico-religiosa da palavra em textos orais sobre o catolicismo popular na comunidade de São Domingos*. 132 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão, 2015.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERD, A. N. (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001. p. 13-23.

BOLLE, W. História e memória, metodologia da história oral. In: DELGADO, L. A. N. (org.). *História Oral: memória, tempo, identidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 15-31.

BOSI, A. Plural, mas não caótico. In: BOSI, A. (Org.). *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1992a. p. 7-14.

BOSI, E. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, A. (Org.). *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1992b. p. 16-41.

BRANDÃO, C. *Memória do sagrado: estudos de religião e ritual*. São Paulo: Paulinas, 1985.

CÂMARA JÚNIOR, J. M. Língua e Cultura. *Letras*, Curitiba, v. 4., p. 51-59, 1955.

CARDOSO, R. L. D. *A Festa de Nossa Senhora da Abadia na Região da Onça em Jataí (GO): uma análise léxico-cultural*. 2019. 392 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão, Catalão, 2019.

CARVALHINHOS, P. J. Variantes lexicais na toponímia portuguesa: os elementos genéricos (entidades geográficas) denominados. Estudo de caso: diferenças terminológicas entre português do Brasil e português europeu. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 11, p. 177-194, 2007.

CARVALHO, A. P. M. A. *Hagiotoponímia em Minas Gerais*. 2014. 822 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2014.

CAZAROTTO, S. A. Fitotopônimos: influência da vegetação no processo de nomeação. In: ISQUERDO, A. N. (org.). *Toponímia: tendências toponímicas no estado de Mato Grosso do Sul*, v. 2. Campo Grande: UFMS, 2020. p. 66-92.

CUNHA, A. G. *Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi*. Brasília: Melhoramentos/UnB, 1998.

DICK, M. V. de P. do A. *A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo – 1554-1897*. São Paulo: Annablume, 1996.

DICK, M. V. de P. do A. A estrutura do signo toponímico. *Língua e Literatura*, n. 9, p. 287-293, 1980.

DICK, M. V. de P. do A. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado de São Paulo, 1990.

DICK, M. V. de P. do A. *Toponímia e antroponímia no Brasil: coletânea de estudos*. São Paulo: FFLCH-USP, 1992.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, M. B. Língua e patrimônio: a palavra como lugar de onde se vê o mundo. In: ISQUERDO, A. N. (Org.). *Estudos Geolinguísticos e Dialetais sobre o Português: Brasil – Portugal*. Campo Grande: UFMS, 2008. p. 289-311.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOUVEIA, J. A. de. *Depoimento*. Entrevistadoras: LOPES, R. M.; OLIVEIRA, M. F. Jataí-Go: 2009. MP4 (84':12"). Estéreo. Entrevista concedida ao Projeto Fazer Religioso e Festivo – Festa de Nossa Senhora da Abadia na “Comunidade Onça”.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Jataí. 2020. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/jatai/historico>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

ISQUERDO, A. N. Apresentação. In: ISQUERDO, A. N. (org.). *Toponímia: tendências toponímicas no estado de Mato Grosso do Sul*, v. 2. Campo Grande: UFMS, 2020. p. 8-19.

NASCENTES, A. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1955.

OLIVEIRA, M. F. Festa de Nossa Senhora da Abadia: uma representação geográfica e cultural no tempo e no espaço de Jataí-GO. *Campo - Território: Revista de Geografia Agrária*, v. 8, n. 6, p. 1-21, 2009.

OLIVEIRA, M. F. *Festa de Nossa Senhora da Abadia em Jataí/GO: uma experiência de interpretação geográfica*. 277 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2019.

PESSOA, J. de M. *Saberes em festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular*. Goiânia: Editora da UCG/Kelps, 2005.

SAMPAIO, T. *O tupi na geografia nacional*. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

SAPIR, E. Língua e ambiente. In: SAPIR, E. *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969. p. 43-62.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. Trad.: Antônio Chelini et al. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995 [1916].

SIQUEIRA, K. M. de F. Nos trilhos da estrada de ferro: reminiscências de motivações toponímicas. *Revista da ANPOLL*, São Paulo, v. 1, n. 32, p. 150-170, 2012.

SIQUEIRA, K. M. de F. Toponímia: a dinâmica dos nomes de lugares da microrregião de Catalão/GO. *EntreLetras*, v. 4, n. 2, p. 72-89, 2013.

TIRADENTES, L. Acidentes geográficos ou formas de relevo? Conceitos para o ensino de geografia. *Revista de Ciências Humanas*, v. 21, n. 1, 2021.